

A festa natalina e a sua relação com a dinamização dos ritos

The Christmas Party and Its Relationship with the Dynamization of Rites

Rafaela Bertuzzo¹
Juliana Tonin²

DOI: 10.19177/memorare.v8e22021135-146

Resumo: Este estudo, oriundo de reflexões presentes na dissertação em desenvolvimento, com título provisório: "A experiência da criança no evento Natal Luz e sua relação com a dinamização dos ritos a partir do imaginário das cidades", tem o objetivo de discorrer sobre os procedimentos rituais presentes na celebração do Natal e relacioná-los com o processo de dinamização dos ritos. A partir de pesquisas bibliográficas, foi possível ter maior entendimento sobre os ritos, tanto sagrados quanto profanos, que permeiam a festa natalina, dos primórdios até os dias de hoje. Além disso, percebeu-se a importância da festividade não somente em termos rituais, mas também em processos culturais, econômicos, sociais e materiais.

Palavras-chave: Comunicação. Ritos. Natal.

Abstract: This study, based on reflections presents in the dissertation under development, with a provisional title: "The children's experience at the Natal Luz event and its relationship with the dynamization of rites from the imaginary of cities", has the purpose to discuss ritual procedures present in the celebration of Christmas and relate them to the process of dynamization of the rites. Based on bibliographical research, it was possible to have a better understanding of the rites, sacred and profane, that permeates the Christmas party, from the beginning to the present day. Furthermore, the importance of the festivity was perceived not only in ritual terms, but also in cultural, economic, social and material processes.

Keywords: Communication. Rites. Christmas.

¹ Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
rafaela.bertuzzo@edu.pucrs.br

² Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
juliana.tonin@pucrs.br

1 Introdução

Em termos de comportamentos entre os seres vivos, o rito pode ser considerado o que há de mais arcaico e constante na história. A ritualização sempre participou do dia a dia dos indivíduos, independentemente do período e do estado da sociedade, influenciando diretamente na produção de experiência (RIVIÈRE, 1997).

O sujeito passa por variados tipos de ritualizações que, no grupo que o rodeia, manifestam as representações imaginárias da ordem social. No entanto, não são todas as atividades presentes no dia a dia que podem ser definidas como ritos, como atar cadarços, resolver problemas matemáticos e subir escadas. É necessário “[...] uma encenação instituída com significação simbólica que remeta a valores, tenha o aspecto de comunicação codificada, respeite uma ordem bem definida e dê lugar a comportamentos repetitivos” (RIVIÈRE, 1997).

O Natal, permeado por construções simbólicas e celebrado anualmente em todo mundo, é considerado uma das principais festividades da atualidade. Assim, este estudo, oriundo de reflexões presentes na dissertação em desenvolvimento, com título provisório: “XXX”, tem o objetivo de discorrer sobre os procedimentos rituais presentes na celebração do Natal e relacioná-los com o processo de dinamização dos ritos.

Os ritos, compostos por um conjunto de regras e processos, são imbuídos de valor simbólico, cuja performance é, normalmente, prescrita e codificada pela cultura em questão da sociedade. Com o intuito de se compreender de que forma se dá a experiência do sujeito, primordialmente das crianças, é necessário refletir sobre os processos rituais que fazem parte do cotidiano. A seguir será abordado esse conceito tão importante na constituição do indivíduo.

2 Os ritos

Anteriormente, vivia-se em uma sociedade que priorizava a posse de bens e objetos. Hoje, de acordo com Lipovetsky (2007), prefere-se buscar pela experiência, através do entretenimento, do espetáculo, do jogo, da distração. Os ritos, por meio de seus símbolos e procedimentos, proporcionam ao indivíduo novas relações, prazeres, afetos, sensações e emoções.

Compreender o conceito de rito e seu espectro semântico, para Färber (2013, p. 02), “[...] favorece o acesso às possíveis interpretações dos seus usos e permite investigar em que medida o rito mimetiza a realidade ilustrando a vida, e como o imaginário humano é interpretado através do rito”. Todavia, ainda hoje, não se há consenso quanto a origem do termo rito, embora muitos teóricos proponham definições aproximadas entre si. Sabe-se que a palavra “rito” tem sua origem em variados idiomas, como do latim *ritus*, significando ordem estabelecida; do grego *artys*, com o sentido de prescrição ou decreto; e do iraniano *arta*, de onde também vem a palavra “arte”.

Färber (2013, p. 01) salienta ainda que os ritos são inerentes à condição humana e “[...] fazem parte do conjunto de práticas que delimitam o *status* social e a pertença a um grupo, favorecendo a manutenção do equilíbrio do grupo e fortalecendo a noção de

identidade dos indivíduos”. Tratam-se de um coletivo de palavras, personagens, músicas, gestos, roupas, danças, comidas, bebidas, objetos e outros elementos específicos da comunidade que os realiza.

Ademais, conforme Färber (2013), o rito pode ser considerado um agente redutor da ansiedade, visto que é capaz de diluir o medo, trazendo mais equilíbrio para o indivíduo conseguir suportar momentos de situação-limite “[...] como diante das crises de existência próprias dos ritos de passagem, e daquelas mais particulares referentes ao problema da morte” (FÄRBER, 2013, p. 06). As ritualizações também têm relevância, em parceria com as crenças, lendas e anedotas, em dar enquadramento, justificativas e soluções para as indeterminações de uma situação estabelecida.

Färber (2013) complementa que, na realização dos ritos, existem funções e expectativas pré-estabelecidas. Por intermédio de uma cerimônia, o grupo tem a capacidade de expressar simbolicamente suas crenças e sua cosmovisão, assim como transferir poder e transmitir valores para os novos membros e para os iniciantes. Ainda, a força de um rito pode ser avaliada pela emoção que, através de seus procedimentos, suscita nos atores participantes. Logo, quanto maior a comoção provocada pelo rito, por meio de suas diferentes etapas, maior pode ser considerada sua efetividade.

Durkheim (2003), por outro lado, conceitua os ritos como responsáveis por constituir uma expressão simbólica dos valores fundamentais que unificam os membros de uma sociedade. O autor enfatiza, ademais, que os ritos podem ser marcados também como regras de conduta que orientam como o sujeito deve se comportar em relação ao que é considerado sagrado. Ou seja, o indivíduo, por meio do rito, aprende como se portar corretamente frente aos códigos, normas e valores do universo de significação na qual faz parte.

Em contrapartida, Rivière (1997) define os ritos, envolvendo a ação padronizada dos membros do grupo, como maneiras e ocasiões de reconhecimento mútuo. De forma geral, podem ser conceituados como

[...] um conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com base corporal (verbal, gestual, postural), de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico para seus atores e habitualmente para os seus assistentes, condutas essas fundamentadas numa adesão mental, muitas vezes inconsciente, a valores relativos a escolhas sociais consideradas como importantes, e cuja eficácia não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica da ligação entre causa e efeito (RIVIÈRE, 1997, p. 11).

Nos dias de hoje, de acordo com Rivière (1997), apesar do enfraquecimento aparente das grandes igrejas tradicionais, os ritos seguem presentes na vida dos sujeitos, uma vez que as ritualizações não estão geneticamente vinculadas à religião, e sim imbricadas a realidades possuidoras de valor, que promovem expressões do imaginário do coletivo em questão. Nessa direção, o autor discorre sobre dois tipos diferentes de ritualizações, são elas: profanas e sagradas.

Os ritos profanos fundamentam-se nas práticas que se ordenam no fluxo do cotidiano e nas formas de agregação laica e secular, sem enaltecer nem desprezar a noção de sagrado presente na existência dos

participantes do rito. Ou seja, não estão vinculados às religiões nem ao imaginário religioso. Como exemplos dessa tipologia podem ser citados os campeonatos esportivos, as entrevistas de emprego, as caças, as pescas, as viagens e os eventos (FÄRBER, 2013).

Já os ritos sagrados referem-se ao religioso, ao eclesial e ao confessional. Etimologicamente a palavra “sagrado” tem origem no latim *săcer*, que significa santo e venerável. São exemplos dessa tipologia as atividades praticadas individualmente ou em grupo “[...] com o propósito de promover o encontro do humano com a divindade”. (FÄRBER, 2013, p. 10).

Durkheim (2003) comenta que o mundo sagrado estabelece com o mundo profano uma relação de antagonismo. Eles correspondem a duas formas de vida que se excluem ou que, pelo menos, não podem ser vividas simultaneamente com a mesma intensidade. Além disso, a vida profana não pode ser misturada com a vida sagrada e com seus diferentes elementos, tais como sons, alimentos, personagens, entre outros.

Estão presentes variados tipos de cerimônias em todas as fases da vida do indivíduo, especialmente ligadas aos ritos de passagem e de iniciação, que representam, de acordo com Färber (2013, p. 03), “[...] além de uma transição particular do indivíduo, a progressiva aceitação e participação na sociedade na qual está inserido”. A principal função dessa categoria é de propor equilíbrio, tornando a realidade social mais harmoniosa e os elementos do grupo mais integrados. Ainda, promove-se noções e crenças, que são partilhadas e lembradas aos membros antigos, como o que ocorre no batismo. Esse gênero de ritualização estabelece o término de uma realidade, colocando o indivíduo em uma situação indeterminada, que se estende até o assentimento em um novo estatuto.

Os ritos repetidos, em compensação, são responsáveis por reforçar a ordem estabelecida, promover a pertença do indivíduo e a solidariedade do coletivo. Além disso, sustentam a continuidade e a preservação dos valores do grupo em questão. Rivière (1997) completa que o tempo estruturado pelo rito não se dá pelo recomeço, mas sim pela repetição. Podem seguir um ciclo sazonal, como a abertura de uma estação, um ciclo de vida, como no nascimento, no casamento e na morte, ou um ciclo anual, que recapitula o percurso escatológico de uma vida a partir de Cristo, como no Natal, que aprofundaremos a seguir.

Um rito pode ser classificado, como apresentado por Rivière (1997), em uma ou outra das categorias conforme a atenção fixada a este ou aquele aspecto, como participantes, objetivos pretendidos, modo de ação etc. Ainda, um rito sistêmico total pode ser dividido em séries de ritos sistêmicos elementos, sendo cada sequência ritual comportada por ritemas, que compreendem os motivos.

Rivière (1997) também comenta sobre os ritos a possibilidade de separá-los em quatro aspectos, são eles:

1. Aspecto social: É formado três princípios formais:
 - a) Reunião: Todos os ritos, com exceção dos hábitos individuais, implicam na presença de atores decididos a seguirem a ordem da ritualização, suas consequências e prodimentos;

- b) Delegação (ou representação): Em caso de falta de um ou mais membros, os ritos podem ser realizados por alguns representantes delegados;
 - c) Reciprocidade: Rede de direitos e obrigações entre participantes e grupos sociais representados devem ser tecidas.
2. Aspecto formal: É dividido por duas tensões principais:
 - a) Nos ritos, encontra-se uma tensão entre o caráter impositivo, dado pelos espaços, tempos e símbolos e a noção de plasticidade, criatividade, controle e apropriação das regras;
 - b) Há também nos ritos uma tensão entre o aspecto de realidade do rito, frequentemente, aparentando ser mais consistente do que o da própria vida, e a impressão de ficção, realidade efêmera e ilusão.
 3. Aspecto paradoxal: Os ritos incluem contradições, ambivalências e intervalores. Os autores das ritualizações penetram em um cenário de tumulto, forças pulsionais e desregulamento e de coexistência de elementos antagônicos, como vida/morte, impuro/ puro, entre outros;
 4. Aspecto lúdico: Os ritos não são constituídos apenas por fenômenos que devem ser vistos com seriedade, mas também por elementos relacionados com a diversão, ou, pelo menos, com o desempenho de papéis diversificados.

A ludicidade aparece primordialmente nos ritos ocorridos durante a infância. Rivière (1997, p. 115) salienta que as ritualizações estão presentes antes mesmo da criança nascer, no nome dado ao indivíduo pelos pais, “[...] atitude que vai atuar sobre o neném no momento do reconhecimento e do encontro, no meio de uma enxurrada de palavras que vão atingi-lo unicamente pelo invólucro sonoro”. A pronúncia do nome da mãe e do pai, incentivada de forma frequente, será também uma das primeiras experiências verbais da criança. Esses rituais auxiliam no desenvolvimento da identificação do sujeito.

Os variados ritos também são responsáveis por fornecer modos de agir às crianças. Nas relações com o outro, que se dão espontaneamente na infância, conforme Rivière (1997), são constituídos objetos de negociação e escalas de dominação e liderança, através da postura, dos gestos, do vestuário, entre outros. Cada expressão, mesmo que com aspecto insignificante, determina estatutos e comportamentos que influenciam nas diferentes interações.

De acordo com Rivière (1997), em geral, as crianças estão propensas a adicionar ritualizações no dia a dia à medida em que gostam de regularidade, de gestos repetitivos e de hábitos da vida cotidiana. Contudo, para que uma manifestação seja caracterizada como rito, sua função deve despertar além de imagens vazias sem objetivo, expressas pela mera satisfação e entretenimento de vê-las se manifestar.

O cotidiano do sujeito, tanto na infância quanto nas demais fases da vida, associa-se diretamente com os diferentes rituais, que influenciam no modo de agir e de ver o mundo. Dentre as variadas ritualizações

transcorridas, destacam-se os procedimentos presentes na festa natalina, que serão apresentados a seguir.

3 A festa natalina

Conforme Durkheim (2003), as festas são responsáveis por aproximar os membros dos grupos que as celebram, devido às exaltações e ao sentimento de pertencimento que geram. Sirota (2005) destaca que todas as festividades, atreladas à religião ou não, tem o efeito de unir os sujeitos, movimentar as massas e suscitar um estado de efervescência, por vezes semelhante ao delírio. Ao festejar com pessoas próximas, o indivíduo desenvolve suas capacidades atreladas a sua identidade e seu pertencimento social, construindo seu círculo e fazendo escolhas do que deseja levar para o seu dia a dia.

Sirota (2005) ainda salienta que as festividades, como as festas de aniversário, e pode-se pensar também, o Natal, servem para a construção da cultura da comunidade em questão, a partir dos processos ritualizados. Além disso, o sujeito, disposto a colocar sua criatividade para reinventar sua própria história e novas realidades, tem a capacidade de redefinir e reinterpretar costumes.

Perez, Amaral e Mesquita (2012) complementam que as festas atuam como expressões culturais, permitindo compreender dimensões do trabalho, da política, da economia, da religião, da comunicação etc. Acrescentam ainda que, nas festividades, pode-se perceber a presença da ambiguidade modernidade/tradição. É possível observar adaptações e atualizações na estrutura dos ritos a serem utilizados, assim como particularidades da ação individual, ao mesmo passo em que pode-se encontrar a manutenção de certa ordem cultural e histórica.

Perez, Amaral e Mesquita (2012) destacam ainda que, por meio de manifestações como música, dança e teatro, presentes nas festividades, como na celebração natalina, o participante da comemoração é transportado para longe de suas ocupações e preocupações diárias. Esses espaços proporcionam aberturas nas fendas do real, dando destaque a associações lúdicas e fantásticas, com figuras alteradas, ou até mesmo grotescas.

A festa natalina, que utiliza de diferentes figuras, como o Papai Noel, os anjos e as renas, é considerada, atualmente, uma festa sacro-profana. De maneira geral, embora a festividade tenha como referência conteúdos míticos religiosos, também é formada por festejos considerados profanos. Segundo Perez, Amaral e Mesquita (2012), a estrutura do Natal é praticamente a mesma em todo país, no entanto, uma vez que os procedimentos seguidos costumam denunciar identidades regionais e locais, não é frequente encontrar duas festas idênticas.

Assim, a experiência de se viver uma festa natalina não será a mesma para todos, visto que a sequência ritual pode variar, bem como o significado dado à festividade por cada sujeito participante. Contudo, em geral, o Natal é considerado, desde os primórdios, uma das principais festividades no Brasil. No Almanaque do Rio de Janeiro do ano de 1817 (excerto a seguir), por exemplo, que tem como objetivo descrever as datas relevantes para a Grande Gala da Corte, já era possível encontrar a celebração elencada (PEREZ; AMARAL; MESQUITA, 2012).

- 6 de janeiro – Dia dos Reis;
- 7 de abril – Primeira Oitava de Páscoa;
- 13 de maio – Nascimento da Rainha Nossa Senhora;
- 13 de maio – Nascimento d’El Rei Nosso Senhor;
- 11 de junho – Procissão de Corpus Christi;
- 14 de junho – Dia do Nome d’El Rei Nosso Senhor;
- 15 de julho – Dia da Sereníssima Senhora d. Maria Francisca Benedita;
- 12 de outubro – Dia do Sereníssimo Senhor d. Pedro de Alcântara;
- 4 de novembro – Dia do Nome da Rainha Nossa Senhora;
- 8 de dezembro – Dia da Conceição da Santíssima Virgem Padroeira do Reino;
- 25 de dezembro – Natal.

O termo “Natal” vem da palavra do latim *natalis*, que, por sua vez, é derivada do verbo nascer (*nāscor*). Já a palavra *Christmas*, do inglês, é oriunda de *Christes maesse* (Christ's mass) que significa “missa de Cristo”. A festividade teve sua origem em festas pagãs realizadas na Antiguidade. Nessa data, os romanos celebravam a chegada do inverno, que geralmente acontece entre os dias 21 e 22 de dezembro, próximo ao dia em que se comemora hoje o Natal. Na noite do solstício de inverno, aconteciam grandes festas que buscavam fertilidade e o renascimento do sol (HOLLARD, 1966).

No decorrer dos anos, a festa evoluiu e passou a ser realizada em homenagem a Mitra, personagem que foi introduzido na mitologia romana e tornou-se um dos principais deuses do panteão de Roma. A festividade celebrava o suposto nascimento dessa divindade, símbolo da luz. Mais tarde, teve início outra comemoração pagã que contribuiu para o nascimento da simbologia natalina, especialmente no Hemisfério Norte. A festa, conhecida como *Yule* ou *Jól*, acontecia entre os povos nórdicos e arrastava-se de 21 de dezembro a meados de janeiro. Segundo Hollard (1966), a árvore natalina é um dos elementos herdados dessa celebração.

Posteriormente, com a consolidação do Cristianismo, a festividade foi oficializada como *Natale Domini* (Natal do Senhor). Em virtude de não se ter conhecimento sobre o dia exato em que Jesus nasceu, essa foi uma maneira de cristianizar as festas pagãs romanas, conferindo-lhes uma nova simbologia. Inicialmente, os cristãos interessavam-se mais por datas atreladas à morte e à ressurreição de Cristo, por essa razão, a Páscoa era considerada a grande celebração anual (HOLLARD, 1966).

Hoje, no Brasil, conforme Vargas (2014), o ciclo natalino é curto e se estende de 24 de dezembro, véspera de Natal, a 06 de janeiro, dia de Reis. Nesse período, ocorrem cultos, novenas e missas especiais, responsáveis por demarcar o território das igrejas, praças e ruas, fomentando a tradição e a fé cristã. No dia 25 de dezembro é celebrado o nascimento de Jesus Cristo.

Belk (1987) enfatiza que, atualmente, o Natal é considerado um proeminente feriado religioso e uma das datas mais lucrativas para comerciantes do mundo cristão. É possível também incluir a festa no âmbito comercial não-cristão, dado que, em virtude da influência da

hegemonia norte-americana e à popularidade das figuras míticas natalinas a data também proporciona aumento nas vendas em países onde o Cristianismo não é a religião majoritária.

Segundo Lévi-Strauss (2003), o Natal, resultado direto da influência americana, é essencialmente uma festa moderna, apesar da multiplicidade de suas características arcaizantes. Além disso, trata-se de um ritual cuja importância já oscilou bastante na história, conhecendo apogeu e declínios. Hoje, assume, cada vez, uma relevância sem precedentes em termos materiais, sociais, econômicos, entre outros.

De acordo com Almeida, Oliveira e Vargas (2011), a comemoração natalina está se tornando cada vez mais uma manifestação urbana e globalizada, com a participação de símbolos como a árvore de Natal e o Papai Noel, e o consumo de presentes. Em contrapartida, elementos populares tradicionais como a lapinha, a capelinha e a quermesse estão cada dia mais distantes, se fazendo presentes somente em determinadas regiões do território brasileiro.

A fim de se compreender os procedimentos rituais do Natal, torna-se necessário discorrer sobre os principais símbolos da festa natalina. Dentre eles, destacam-se as luzinhas e as velas, que, para Vargas (2014), são utilizados, no período da celebração, nas casas, nas igrejas e nos locais públicos com o intuito de anunciar a chegada do nascimento de Jesus, que assume o papel de representar a luz e de dissipar as trevas, a escuridão.

Vargas (2014) complementa que o presépio natalino também é outro componente a ser frisado, visto que se faz presente nas igrejas, nos lares e nos diversos espaços das cidades na época do Natal. Em diferentes tamanhos, cores e materiais, que variam conforme possibilidades financeiras e regiões demográficas, a adaptação tem o objetivo de reforçar a união do mundo material à dimensão divina, promovendo o encontro de Cristo com sua família terrena. Além dos anjos, dos Três Reis Magos e dos animais, participam da cena o Menino Jesus, sua mãe, a Virgem Maria e o seu pai adotivo, São José.

Rivière (1997) salienta que a refeição festiva é outro aspecto fundamental a ser elencado sobre a festa natalina. A ceia de Natal, elaborada a partir de tradições culinárias, caracteriza-se por seu caráter familiar. Sua origem é atrelada ao antigo costume europeu de deixar portas das casas abertas no dia da celebração para receber viajantes e peregrinos. Conforme o autor, esse tipo de confraternização possibilita o reencontro entre familiares e a estabilização e a coesão social.

A música natalina, originada na igreja com o intuito de celebrar o nascimento de Jesus e reforçar os valores cristãos, é outro elemento a ser considerado sobre o Natal, especialmente em países cristãos, tanto católicos quanto protestantes. Perez, Amaral e Mesquita (2012) comentam que as músicas podem ser consideradas um dos principais canais de comunicação com o sagrado, conferindo à celebração um caráter emocional, que atua na expressão de sentimentos, ideias e valores.

Lévi-Strauss (2003) menciona que a árvore de Natal, símbolo da fertilidade e da continuidade da vida, é outro ponto a ser considerado ao se pensar na festa natalina. O pinheiro, como se conhece hoje, trata-se

de uma invenção recente, com surgimento no século XVI, na Alemanha. De acordo com o autor, sua origem está atrelada à necessidade de se montar um objeto que concentrasse todas as exigências simbólicas já apresentadas de maneira dispersa e aleatória, como as luzes, a estrela de Belém etc.

Já Sirota (2005) comenta que os presentes, a partir da análise do Natal como um ritual de socialização, assumem um papel fundamental na festividade. Conforme a autora, eles são responsáveis por modelar a identidade do sujeito, assim como construir seu vínculo social. Belk (1987) salienta que os presentes natalinos vão além de valores comerciais e utilitários, uma vez que estão imbuídos de significados culturais e propriedades simbólicas, além de serem considerados um elemento de troca entre as relações sociais.

Os presentes ganham ainda maior relevância ao serem relacionados ao Papai Noel, figura que, em muitas culturas, é responsável por escolher e transportar os presentes aos lares de crianças bem-comportadas. No próximo tópico, será discutido a respeito da função desse personagem natalino, bem como seus aspectos históricos.

3.1 O personagem do Papai Noel

Dentre os diferentes elementos simbólicos atribuídos à festa natalina, destaca-se o Papai Noel. Associado à tradição de presentear, o “bom velhinho” tem participações em shoppings, campanhas publicitárias, lojas de departamento, decorações e eventos, tornando-se, hoje, o símbolo mais popular e mais presente da festividade (BELK, 1987).

O formato da figura atual do Papai Noel é um combinado de elementos antigos e modernos. No decorrer dos anos, foram encontradas fórmulas para perpetuar, transformar e revivificar antigos usos. De acordo com Lévi-Strauss (2003), a variedade de nomes atribuídos ao personagem ao longo da história demonstra o caráter adaptável e flexível da figura natalina. Estão entre as denominações: Papai Noel, São Nicolau, Santa Claus etc.

Segundo Lévi-Strauss (2003), a história atual sobre a residência do Papai Noel desenvolveu-se sobretudo no curso da última guerra, em razão da permanência de algumas forças americanas na Islândia e na Groenlândia. A ideia de seu meio de transporte, o trenó puxado por renas, por outro lado, teve origem na Renascença, onde se elaboravam troféus em formato de renas para os campeões das competições natalinas. Os duendes, ajudantes do Papai Noel, em contrapartida, tiveram sua origem na tradição escandinava, a partir de trabalhadores que atuavam protegendo as casas.

Lévi-Strauss (2003) completa ainda que o semblante do Papai Noel moderno é resultado da junção sincrética de vários atores ao longo da história. O autor realiza uma analogia entre a figura do “bom velhinho” no Natal e o personagem do ritual *katchina* dos índios do sudeste dos Estados Unidos, visto que ambos tratam-se de sujeitos fantasiados e mascarados, que sob a encarnação de deuses e ancestrais, retornam periodicamente para visitar, dançar, punir ou premiar as crianças. Ainda, o autor também apresenta o próprio São Nicolau como

referência, cuja festa, também em dezembro, remonta às crenças relativas às meias e aos sapatos nas lareiras.

Conquanto já se saiba que a barba branca indique seu caráter ancião, encarnando a forma benevolente da autoridade dos idosos, e a touca e as botas, sinalize o frio de sua região de origem, a categoria simbólica na qual o Papai Noel encontra-se ainda é muito discutida. Para Lévi-Strauss (2003, p. 10), o personagem não pode ser considerado um ser mítico

[...] pois não há um mito que dê conta de sua origem e de suas funções; ainda menos é um personagem de lenda, pois nenhum relato semi-histórico lhe está associado. Na verdade, este ser sobrenatural e imutável, eternamente fixado na sua forma e definido por uma função exclusiva e por um retorno periódico, descende principalmente da família das divindades. Recebe, aliás, um culto por parte das crianças, em certas épocas do ano, sob a forma de cartas e de pedidos. Recompensa os bons e exclui os malvados. É a divindade de uma classe de idade de nossa sociedade – classe esta que a própria crença em Papai Noel basta para caracterizar. A única diferença em relação a uma divindade verdadeira é que os adultos não acreditam em Papai Noel, embora estimulem suas crianças a crer nele e sustentem esta crença por um grande número de mistificações.

Não é possível elencar uma categoria específica para o Papai Noel, uma vez que a figura se faz presente em diferentes crenças, tradições, ritos e práticas, que mudam conforme a localidade e o contexto histórico. Ademais, de acordo com Lévi-Strauss (2003), o sentido atribuído pode variar também de acordo com a idade do sujeito, se é criança, adolescente ou já adulto.

Além disso, é necessário frisar a ritualização atrelada a essa figura natalina. Conforme Lévi-Strauss (2003), os ritos de iniciação têm uma função prática nas sociedades humanas: auxiliar os mais velhos a manter os mais novos na ordem e na obediência. No caso do Natal, ao invocar a visita do “bom velhinho” durante todos os meses do ano, os responsáveis pelas crianças reforçam que a generosidade do Papai Noel [...] será medida pelo bom comportamento delas; e o caráter periódico da distribuição dos presentes tem a utilidade de disciplinar as reivindicações infantis, de reduzir a um período curto o momento em que estas têm verdadeiramente o direito de exigir presentes” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 11).

Nessa direção, segundo Lévi-Strauss (2003), o processo de ritualização em torno do Papai Noel demonstra a segregação entre gerações, visto que, as crianças, excluídas da sociedade dos adultos pela ignorância de certos mistérios, são ludibriadas e iludidas, até o momento em que o adulto decidir desvelar os segredos. “Vê-se imediatamente que a crença em Papai Noel não é apenas uma mistificação infligida agradavelmente pelos adultos às crianças. É, em grande medida, resultado de uma transação muito onerosa entre duas gerações” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 12).

Em suma, tanto os elementos natalinos elencados anteriormente quanto a figura do Papai Noel, são envoltos por processos simbólicos, que relacionam-se diretamente com os ritos e a formação de experiências. A seguir serão apresentadas as considerações finais.

4 Considerações finais

A partir de pesquisas bibliográficas, foi possível perceber a importância do Natal não somente em termos rituais, mas também em processos econômicos, sociais e materiais. É necessário salientar também sobre a relevância da festividade no que se refere à promoção da cultura, que se dá por meio das escolhas dos procedimentos rituais a serem seguidos e aos modos já considerados como dispensáveis ou substituíveis para a celebração.

Além disso, identificou-se que a festa natalina não é formada apenas por símbolos sagrados, como os anjos e o presépio. Estão presentes também, cada vez mais, elementos profanos, como por exemplo, as renas, o Papai Noel, a árvore de Natal, entre outros. Tais ritualizações, cabe ainda destacar, são uma combinação de procedimentos modernos com características mais tradicionais, arcaizantes.

Ademais, pôde-se ter maior entendimento sobre a ritualização que permeia o Natal, dos primórdios até os dias de hoje. Embora os elementos possam variar conforme a cultura do indivíduo, a época e a idade, o sujeito é atravessado desde a infância pelos processos rituais que se dão a partir da festividade.

Em suma, por meio de componentes como decoração, música e comida, a celebração do Natal tem a capacidade de construir experiência, processo tão valorizado atualmente. Ou seja, a celebração é capaz de proporcionar ao sujeito relações, prazeres, sentimentos, que impactam diretamente em seu dia a dia.

Referências

- ALMEIDA, M. G. de; OLIVEIRA, C. D. M.; VARGAS, M. A. M. A dimensão territorial das festas populares natalinas e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe. **Revista Geográfica de América Central**, San José, v. 2, n. 47, p. 1-16, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/1810/1716>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- BELK, R. W. A child's Christmas in America: Santa Claus as deity, consumption as religion. **Journal of American Culture**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 87-100, 1987.
- DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FÄRBER, S. S. Hermenêutica do rito: de interpretado à intérprete. In: CONGRESSO ESTADUAL DE TEOLOGIA, 1., 2013, São Leopoldo. **Anais eletrônicos [...]**. São Leopoldo: EST, v. 1, 2013.
- HOLLARD, A. **As origens das comemorações do Natal**. Estrasburgo: Faculdade de Teologia, 1966.
- LÉVI-STRAUSS, C. Papai Noel supliciado. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 5-18, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Levi-Lévi-Strauss.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PEREZ, L. F.; AMARAL, L.; MESQUITA, W. (orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

RIVIÈRE, C. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SIROTA, R. Primeiro os amigos: os aniversários da infância, dar e receber. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 535-562, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RFc6Z4jtXFJXtvD5VBLfFdn/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2021.

VARGAS, M. A. M. Festas patrimônio: os ciclos junino e natalino de Sergipe. **Ateliê geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 252-273, 01 out. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/32100>. Acesso em: 18 jul. 2021.

Artigo enviado em: 02/10/2021. Aprovado em: 25/11/2021.